

Ano II—N.º 25  
de Janeiro de 1932  
Preço 1 Escudo

# Reportagem



LER NESTE NUMERO  
O  
Mistério das Grandes  
Cidades  
Um Caso de Espio-  
nagem  
O Grand... lalo, etc.

# PASSAPORTES

Espanha, França, Brasil  
e América do Norte

Agentes no norte da

## United States Lines

**Nicolau Ferraz**

R. do Loureiro, 60  
Porto Tel. 762

A grande revista  
de 1932

# Mexilhão

Esta é a revista-  
-mascote que se  
continua a exhibir  
no

## Teatro Variedades

Graça, arte, bom  
gosto, alegria, bom  
desempenho e boa  
música, só no

Teatro Variedades

# Café Nicola

O mais bem  
frequentado de Lisboa

O mais aromático  
café da capital, que  
também se vende  
a pêso

O bife "Nicola" come-se  
a qualquer hora

Pelos melhores preços, e  
bem servidos, todos os  
artigos que se costumam  
vender nestes estabeleci-  
mentos



## Um grande hotel moderno

Um estabelecimento modêlo que  
satisfaz os mais exigentes clientes

**N**ÃO há turismo, não há intercâmbio artístico ou cultural, em qualquer país do mundo, sem que haja bons e confortáveis hotéis. Qual é o sábio, qual é o artista desses grandes países, habituados ao requintado conforto, que se dispõe a visitar outra nação, quando de antemão já lhe foi dito que não pode dispôr de bons alojamentos?

E como se poderá fazer turismo se as pessoas que o praticam, dispostas a gastar dinheiro — mas sabendo-o gastar — não ignoram que não tem onde se alojar?

A estas perguntas respondeu magnificamente o sr. Cecílio Fernandez, instalando em prédio próprio, na

rua 1.º de Dezembro, n.º 73, um estabelecimento que no género se pode considerar modelar, acabando assim com essa falta que nos envergonhava, construindo um excelente hotel, que à modicidade dos preços reúne a excelência dos serviços, satisfazendo, sem receio de confrontos, as pessoas mais exigentes.

Nos vários aposentos nada falta, sendo até de notar que tão confortáveis são os aposentos de luxo como os de menores preços — separadas as distâncias que inevitavelmente tem que existir.

E quando toda a gente poderia supôr que os preços seriam exagerados, surge-nos uma tabela que nos deixa incrédulos, pois é difícil conceber como com tão pouco dinheiro é possível servir tão primorosamente. Não se julgue que exageramos. Em parte alguma era possível tal milagre, que doutra forma não pode classificar o que o sr. Cecílio Fernandez conseguiu, o que lhe vale, sem favor, ter uma clientela que, pelo número e

pela qualidade, é o melhor reclamo da sua casa.

Por isso, hoje, o Hotel Americano, o magnífico estabelecimento da rua 1.º de Dezembro, 73, reúne sempre o maior número de hóspedes dos hotéis de Lisboa, sendo também o preferido pelos comerciantes e mais pessoas da província que tendo negócios a tratar na capital, exigem um estabelecimento socegado, confortável em todas as suas categorias, onde o acio e a limpeza permanente são dogmas intangíveis, e onde os preços, nos tempos difíceis de carestia que vamos atravessando, são absolutamente compatíveis com todos os orçamentos.

Educado pelo dono e gerente do modelar estabelecimento, todo o pessoal do «Hotel Americano», solícito, amável, atencioso, auxilia a demarcar a boa impressão que em todos deixa o magnífico estabelecimento da rua 1.º de Dezembro, obrigando aqueles que uma vez o frequentaram a nunca mais preferirem outro.

## Homens &amp; Factos do Dia

## Nacionalistas e internacionistas

Os conservadores portugueses, numa atitude a que, confessemos, não falta galhardia, desfraldaram, nos últimos anos, as bandeiras mais berrantes do nacionalismo. Trapejando ao sabor das ventanias que cortam esse mundo, do Japão a Nicaragua, essas bandeiras ganham um recorte e um colorido paradoxais... Longe de nós agredirmos, ou hostilizar sequer, princípios que, pelo menos, se oxigenam, higiénicamente, num ideal puro. Mas os nossos nacionalistas, no fanatismo da sua Verdade Única, discutem as verdades antagónicas, — negando aos outros, com ortodoxa intolerância, o direito de os discutirem — nós, que, pelo contrário fizemos desse direito o nosso dogma, tomamos a liberdade de os comentar.

O seu bureau de presse, monárquico ou republicano, cujo afan de propaganda enlaça todo o país, é composto por alguns espíritos brilhantes, literariamente, e fortalecidos por uma cultura que só peca... pelo exclusivismo dos autores que a abastece. De Maurras, o surdo de l'Action Française e o mais badalado de todos, a Charles Vigner, a cartilha das suas definições, imagens, citações, argumentação, acolhe apenas, para efeitos de contraste, os adversários de uma só fauna, os enciclopedistas do século XVIII e os românticos do século XIX, ou sejam os pais e os filhos da revolução francesa. Um pouco menos de... tolerância da nossa parte e as palavras deslealdade e batota viriam como soldados disciplinados escutando o brado de... «às armas». E porquê? Porque, como na sua propaganda, objectivando os espíritos acampados na «Terra de Ninguém», não floreteia controversia com os espíritos cultos antagónicos, consegue assim facilmente convencer os encantos, usando apenas uma só fórmula, pacientemente urdida durante dois séculos, à medida de uma argumentação que, sendo básica, envelheceu porque eradestinada a um inimigo mais velho ainda.

A razão dos neo-conservadores atirada contra a lógica de Voltaire, as máximas sociais de Rousseau, as Marselhasas de Victor Hugo ou contra as brutalidades químicas de Zola produz a ilusão cenográfica de um palácio pintado a bordões, no palco em contraste com um palácio de verdade mais majestoso, mas abandonado e visto de noite. Não é que a outra razão deixasse de ser razão — porque do contrário, como diria qualquer Pacheco, nunca o tinha sido. As armas do ataque e que foram temperadas cientificamente e exclusivamente para a demolirem, isolando-a, dos novos defensores, dos que, pela idade mental se podiam medir com os atacantes de hoje. Porque, por muito repetidos e evocados que sejam os modernos defensores das velhas ideias e por muito apedrejados que sejam por estes os velhos centuriões das ideias modernas — é preciso não esquecer que, se uns evoluíram, conquistando um guarda-roupa à época para o travesti das suas ideias, os outros não estacaram em parálitica e papalva contemplação de Voltaire, Jean Jacques, papá Hugo e Zola. Era como se os outros, em vez de esgrimir contra Maurras, Heitzer ou Osório Prado, gastassem as horas de combate a esburacar o burel dos dominicanos, a refazer a contra-regra gran-guignolesca



dos autos de fé ou contar os olhos que o senhor D. Miguel I esvazlou, em pequeno, às galinhas. E seria até muito verosímil que os neo-conservadores ganhassem mais prestígio lutando com os modernos pensadores do campo oposto, em vez de eternizarem o seu alvo nos estádios dos inimigos. Porque — e nisto se resume o primeiro comentário — se eles se orgulham dos seus novos magos intelectuais, a actividade intelectual dos outros não amolece e estaciona... Os outros também dispõem dos seus Maurras, os seus Charles Vigner, os seus Heitzer, os seus Osório Prado. Chamam-se Leopoldo Kempfe, M. Sinclair, Barbusse, Andreff. Com uma diferença — que estes discutam aqueles; e aqueles só agora chegaram a Anatole e Anatole já tinha desenhado em 1860 o gráfico social da sua obra.

Esbanjámos quasi todo o espaço, discutindo a forma, o estilo, o processo exterior, ficando na miséria de umas linhas para analisar o essencial. Os paradoxos com que objectivamos a actividade dos nacionalistas — não era uma habilidade... Senão, vejamos. Não podendo esquivarem-se à ansia de inédito que orienta todas as manifestações, e não devendo calar a palavra eterno — na agitação dos seus ideais, cometem o primeiro... paradoxo propagandando-os como num desabafo de «Bourgeois Gentilhomme» que falava em prosa, desde pequeno, e nunca dera por isso... — O nacionalismo e tudo que nele se integra — dizem eles — é eterno; existiu sempre; mas era o instinto, a divina inspiração, o amor à Pátria que o fundia nas almas e estabelecia o ritmo colectivo, unificando, fortalecendo, brindando de venturas os que viviam sob o mesmo céu, sem que o fixasse a fórmula e o rótulo que nós, nacionalistas modernos, cientificamente lhe demos, adaptando-o às exigências da época».

Ora, o mais curioso aspecto do assunto é que, essa fórmula, esse rótulo que distanciam o nacionalismo de inspiração divina do nacionalismo científico moderno são estrangeiros; são tão internacionais! Não pretendemos com isso insinuar que esta contradição apenas grifa de paradoxo e de... — fiquemos em paradoxo — os nacionalistas portugueses. Os italianos, tão avaros do seu fascismo — («o fascismo é um nacionalismo que só nós, só a Itália podia criar, podia amar, podia ouvir, sentir, obedecer» — declarou Grono ainda há poucas semanas) copia, a papel químico, na sua essência, as fórmulas internacionais, estrangeiras, neo-italianas, em suma, do nacionalismo. Hitler — «que é a própria alma e pensamento nacionais germanicos materializados num corpo em que a raça está esculpida como num movimento» — prégou Von Aymanns — «Kamura, general idolo dos nacionalistas nipónicos: os vários messias democratas que têm conquistado ultimamente a chefia de alguns Estados ibero-americanos, sem outra eleição do que a da sorte das armas revolucionárias, prégando sempre o seu nacionalismo, traduzem os mesmos artigos, fonogramam os mesmos discursos. S. Salvador, por exemplo, uma pequena república da América Central, foi das últimas colónias do império espanhol a sonhar a independência, poucos anos antes de Cuba. A sua população, dois milhares escassos de almas, é um cock-tails de raças; amalgamadas recentemente pelos acasos de emigração, eslavos e catalães, italianos e turcos, foi atacada dum chauvinismo digno dos boches chineses. Como reflexo político, os chefes de partido (são quinze e todos nacionalistas) degladiam-se, disputando ferozmente, para si, a pureza máxima do nacionalismo da sua fórmula. Na última revolta, entre-chocavam-se os presidentes Falconi e Djamel. O prí-

reporter X

O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos os acontecimentos de sensação nacionais e estrangeiros

Sai às sextas-feiras e é posto à venda simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor REINALDO FERREIRA (Reporter X)

Redacção, Administração e Publicidade Rua do Alecrim, 65 — TEL. 2 1276 — LISBOA End. Teleg.: REPORTERX — LISBOA

Composição e Impressão SOCIEDADE EDITORIAL «A B C», L.da Rua do Alecrim, 61 — Rua da Luta, 1-B

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses — série de 12 números — Esc. 11\$50  
6 » » » 25 » — Esc. 22\$50  
12 » » » 52 » — Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes Pagamento adiantado

meiro, italiano filho dum italiano e duma belga, nasceu em S. Salvador, oito dias depois dos pais desembarcarem pela primeira vez no continente americano; Djamel, filho dum turco e de uma bulgara, nasceu em Barcelona, emigrou aos quinze anos para S. Salvador e naturalizou-se apenas há oito. Pois bem: dos dois patriotas, dos dois nacionalistas, o mais exaltado, o mais ortodoxo, o que repele com maior violência «todas as ideias e costumes estrangeiros», o que exige um S. Salvador bem nacional; o que venceu, o que domina, o que tiraniza em nome da Pátria é... o turco-catalão-bulgaro, Dr. Djamel!

Mas existe ainda outra face paradoxal. A galvanização dos vários nacionalismos, nos últimos tempos, sendo, evidentemente, obra dos conservadores intelectuais, significa, antes de mais nada, uma defesa, uma reacção contra as ideias correntes, ou seja contra o comunismo. Considerando o comunismo um inimigo internacional, a melhor forma de o combater e de conter o seu contágio nas massas populares, é exaltar os sentimentos antagónicos, ou seja o nacionalismo. Ora bem. Sendo a Rússia Bolxevista — internacionalista na propaganda dos seus princípios — protesta e proclama aos quatro ventos o seu nacionalismo — um nacionalismo que é tão internacional como o dos nacionalistas, porque assenta nas mesmas bases, embora objectivando outros fins. «O único ponto de contacto que temos com a Igreja Católica — disse algures Rykov — é o seu internacionalismo. Com uma diferença: O nosso propaga

(Continua na pág. 15)

Misteriosas revelações

# SÔBRE A MORTE DE JACK DIAMOND

Quem é a amiga do célebre "ganster" que vive em Portugal?

QUANDO, há meses, o «Reporter X» publicou uma reportagem sobre a estada... clandestina, no Porto, de Jack Diamond, o émulo de Al Capone, houve quem se sorrisse com parva superioridade e não menos parva incredulidade; e quando, há dias, noticiaram a sua morte, os nossos colegas tiveram receio de afirmar êste detalhe, da vida aventureira desse americano, que interessava directamente o nosso público. Pois bem: a maioria dos jornais americanos e ingleses que emolduraram o assassinato de Diamond com longos artigos, poucos são os que deixam de referir-se à sua passagem por Portugal, no regresso à América, acrescentando que tinha uma grande amiga no nosso país e que tentou refugiar-se em sua casa — talvez por



Jack Diamond e a sua noiva, sobre quem recaíram graves suspeitas.

núsculo bando de vadios e ladrões. Era tão ágil que em dezenas de proezas, só uma vez esteve preso.

A polícia conhecia-o pelo apodo de «Rato-Porco», porque a sua espreiteza estava ao nível da sua sujidade. Aos 18 anos deu um grande golpe. Nunca o confessou — e, pelos casos que coincidem com essa data e cujos autores ficaram impunes, tanto podia ser o assalto à sucursal do Banco da Califórnia, como o arrombamento do cofre do deputado Thos. Samwel. O que se sabe é que Diamond sofreu uma metamorfose completa, começando a trajar com luxo, a fumar bons charutos e a fazer uma vida de príncipe. Era então um rapagão rijo, sádico, bem musculado, dotado de extraordinária força... Um jornalista americano que o conheceu nessa época, diz: «Estive quinze anos sem ver Jack Diamond. Um dia, a bordo do navio que me conduzia à Europa soube que êle era meu companheiro de viagem. Havia em Diamond um mixto de covardia e de audácia; de medo e de orgulho, e foi isso o que o perdeu. Diamond conseguira embarcar em New York sem que a polícia desse por isso, e era quasi certo que desembarcaria no velho mundo, com a mesma impunidade, visto que a polícia europeia não estava prevenida. Sendo assim, possuindo êle uma fortuna de alguns milhares de francos, podia passar o resto da vida socegado, sem perigos nem trabalhos, gozando o seu dinheiro como qualquer ricoço, em Paris, em Nice, na Suíça, na Itália... Mas logo que se julgou em segurança, começou a sepredar a tôda a gente de bordo que era... Jack Diamond. Gozava, com vaidade, a impressão que o seu nome provocava nos outros... Mas logo se arrependeu, sabendo que o comandante o vigiava e que tinha já telegrafado para França, Inglaterra, etc... Então mudou de atitude, isolando-se, escondendo-se, vivendo sob o continuo terror de uma desgraça imprevista. Fui procurá-lo ao beliche. Quando entrei, deu uma reviravolta assustada e apontando a pistola, indagou: «Quem é você? O que é que me quer?» Custou-me trabalho a convencê-lo que era jornalista, que já o conhecia e que pretendia apenas falar-lhe. Não parecia o mesmo rapagão de há 15 anos! Havia vestígios da sua antiga força e saúde — mas estava magro, a cabeça enterrada no tronco, os olhos cercados de olheiras, a pele amarelenta numa palidês doentia e aflitiva. Era um novo e parecia um velho. Era o produto de muitos anos de orgia e de terror, de vinho e de sangue, de combates e de correrias, de luta, de amores, de odios, e de remorsos, talvez... Confessou-me que vivia em continuo sobressalto, sempre a pensar na morte...»

Como se sabe, na noite em que o mataram, êle festejava alegremente a sua absolvição. Depois recolheu a uma das suas inuitas casas, acompanhado por uma mulher. O seu quarto, apesar dos bons moveis que possuía, estava num desma-zelo e numa sujidade repugnantes. A patroa, ao meio da madrugada, ouviu umas detonações; correu ao patamar do andar superior, mas não ousou descer porque, nesse momento saíam da alcovita três mascarados. Um deles disse para os outros: «E se lhe dessemos mais algum chumbo?» E os outros contestaram: «Não é preciso! Já tem a sua conta!»

Ao contrário do que se supoz, o crime não é

## Quanto ganha um polícia?

Foi nomeada uma comissão para estudar a reforma da policia, a qual, brevemente deve dar o seu parecer sobre tão grave assunto. Duas coisas, no entanto, supomos que devem estudar os illustres técnicos a quem foi cometido semelhante empreendimento. Uma delas são os ordenados dos agentes. Com os vencimentos irrisórios que agora percebem, não há o direito de exigir sacrificios a pessoas que todos os dias a elles estão sujeitos.

E, de resto, são os agentes de policia, pela qualidade do trabalho que se lhes exige, as entidades que têm o direito a melhor remuneração pois que lhes está prohibido — pelos códigos, pela moral e pela profissão — receberem qualquer importância que não seja relativa aos ordenados, nem podem contrair dividas. Nestas condições, como pode viver um agente, a mulher e os filhos, com 450\$00? Compare-se esta situação com a dos agentes das policias alemã ou inglesa, por exemplo, e veja-se que os nossos guardas da policia, uma importância que em comparações com a das outras policias é uma ridicularia.

Pode-se exigir que arrisque a vida, que seja honesto, que se não venda, que se sacifique, a um homem que ganha quatrocentos e cinquenta escudos?

E' este um assunto que deve ser ponderado pela comissão que está estudando o assunto.



Policia americano

obra dos «gansters» de Al Capone, de Petri ou de qualquer rival de negócios, mas sim de uma mulher, Diamond era um tenório volúvel. Sabia apaixonar as mulheres e desprezava-as depois. As suspeitas caem sobre uma das suas amantes que já está presa.

Trágico destino a desse aventureiro que aos dez anos foi abandonado nas ruas de New-York. Ninguém o chorou, além de uma desprezível metretrix, avelhada e esfarrapada, que velou o seu cadáver tôda a noite, na câmara ardente da Morgue. Quem seria essa mulher? Talvez aquela pobre rapariga, sua irmã de miséria, que o acompanhava nos primeiros anos de *malayita*, de quem êle nunca mais se lembrou, mas que nunca o esqueceu...

presentir a sorte que o aguardava na sua Pátria.

The Chicago Tribune, de Paris e The Daily News, de Londres, publicam, a propósito deste drama, curiosas informações. Jack Diamond começou o seu folhetim como *gatuno de esticão*. Tinha apenas dez anos quando se viu abandonado nas ruas de New-York (abandonado ou fugido da casa paterna, não se sabe). Acamaradou desde essa época e até muito tarde com uma rapariga, irmã de Desterro, de nome Maria Rodriguez (espanhola? portuguesa?) e os dois formavam um mi-

AZEITE

## SANTA CRUZ

O melhor para mesa

RUA DO ALMADA, 179-1.º

TELEFONE 4697 — PORTO

# Anotações à margem da vida e à margem dos factos

**Uma cidade abandonada... do bom senso — Com-  
bóios para fazer fugir turistas — Um dos males da  
raça — Produção literária.**

U dos grandes males da raça: a covardia moral em que vivemos. Dizem-se e afirmam-se as mais fantásticas coisas, mas chamados à responsabilidade dêsse «dize-tu» «dizei-eu», dos cafés e das esquinas, alapardam-se como coelhos que presintam o caçador. Desta covardia são vítimas os que, confiados na sua honra, acreditam na honra e na palavra dos seus informadores. Sou e fui sempre pela mais absoluta liberdade. Liberdade de acção e liberdade de expressão. Sem peias e sem limites, desde que, em vez de liberdade, a não transformem em licença. Mas sou e fui sempre também, e por isso mesmo, pela máxima responsabilidade. Liberdade e responsabilidade, são duas palavras que se completam. Não podem viver uma sem a outra. No dia em que uma delas desapareça ou esteja ilaqueada, nós caímos na opressão ou estatelamo-nos na desordem.

Estive há dias em Evora. Evora é uma cidade excepcional, uma cidade monumento, uma cidade museu. Devia entrar-se em Evora como se entra num Templo, religiosamente, de chapéu na mão. A velha *Liberalitas Julia* não é apenas uma cidade de tradições notáveis, fértil e comercial, porque é, acima de tudo, um valiosíssimo repositório de arte arquitectónica. Foi a decima-quinta vez que a visitei e senti a mesmíssima impressão de todas as outras vezes. Admiração por um lado. Admiração e extase contemplativo ante a maravilhosa frontaria, em ruínas, do convento quinhentista da Graça, com seu estilo precioso barroco-miguelengesco, ou fitando embebido a janela manuelina do Morgado de Pêgas, se a memória me não atração. As ruínas do Templo de Diana, o romano-gótico da magestosa Sé, que a-pezar dos seus enxertos, é hoje um dos melhores exemplares que possuímos com seu côro renascença, e o seu claustro que o grupo «Pró-Evora» libertou das porcarias e do lixo que o manchavam; a igreja de S. Francisco, cuja abóbada excede todas as regras da arquitectura; e, enfim, os palácios e casas nobres que Evora nos oferece com uma magnanimidade de nababo.

Isto por um lado. Por outro lado, tristeza. Uma profundíssima tristeza, pelo desprezo com que muitos dos seus monumentos, as suas ruas e largos são encarados e tratados.

## Mário Domingues

Deixou há já algum tempo o lugar que brilhantemente ocupou de chefe de redacção do *Reporter X* o nosso brilhante camarada e distinto jornalista sr. Mário Domingues, que nos continuará honrando, contudo, com a sua preciosa colaboração.

**VISADO PELA COMISSÃO  
DE CENSURA**

Já agora vejamos isto. Há, por exemplo, na Praça, uma casa em estilo Manuel Inácio, com embutidos a ponta de chifre, que há muito devia ter sido visitada pelo cartamelo municipal. E há largos abandonados, onde a erva ruim cresce como se estivéssemos no sertão. Noutra terra, vá que o desleixo reinasse. Mas em Evora, não. Evora não pertence, nem ao Alentejo, nem aos eborenses. Evora devia pertencer ao País, como o seu museu mais rico e precioso.

Quando lá fóra se perguntasse:—O que há para ver em Portugal?— devia e deve dizer-se-lhes:— Temos os Jeronimos, Mafra, a Batalha, etc., etc., e a cidade de Evora. Porque em Evora não há apenas um ou dois monumentos dignos de visita. Há a cidade toda, porque toda ela está cheia de raridades que são, a-pezar de tudo, o encanto dos nossos olhos.

O que não há é o direito de ter o magnífico claustro da Sé cheio de lixo, depois do benemerito grupo «Pró-Evora» o ter salvo, e muito menos deixar que os túmulos existentes na Capela do Fundador, na Sé, nos mostrem, por sobre os apóstolos faciais e a estatua jacente, a tatuagem irreverente dos pássaros que fazem dali pouso e clube...

Uma notazinha de viagem, que também não deixa de ser interessante.

As carruagens dos comboios que são péssimas, não têm, na W. C., sabão, nem toalha. Numa companhia onde, só no ano de 1930 se deram aos respectivos administradores mais de mil contos em gratificações, cabendo ao sr. Ulrich cerca de duzentos, não seria muito que aos passageiros que pagam os seus bilhetes agora com mais 10 o/10, se lhes fornecesse, após uma reclamada semana de higiene, ao menos sabão e toalha, já que se obriga o pobre viajante a contentar-se, na linha de Evora, com as mesmas carruagens em que viajou o Sr. D. Afonso Henriques, nos primórdios da nacionalidade...

O meu querido camarada Rocha Martins enviame os dois primeiros tomos do seu novo livro «D. Manuel II, História do seu reinado e da implantação da Republica». Este Rocha Martins nem parece do nosso tempo, nem da nossa raça. Trabalha como um moiro, passa indiferente ao «dize-tu» «dizei-eu» dos cafés, e quando a gente o supõe cansado e exaustivo por ter produzido obra de vulto, eis que nos surge com outra de vulto ainda maior. E graças a Deus não é nem vêsgo, nem corcunda. Olha a direito, espinha retasada, nunca se esquecendo de que é preciso neste matagal das letras patrias ter sempre dois apoios valentes: a pena e a bengala. A pena para encher os linguadões. A bengala para enxotar os cachórricos que, ainda bem, não se nos atiram às canelas. Folhiei os dois tomos recebidos. O mesmo nervo, a mesma altivez, a mesma ânsia de verdade.

Dir-me-ão: o historiador ressentente-se um pouco do jornalista e do panfletário. Ainda bem. Fica a «História» espartil-

lhada e cintada, com *baton e rouge* para o sr. Júlio Dantas. E chega.

Quanto ao valor material da publicação em curso, óptimo. Não se pode exigir melhor.

Já agora, outra referência livresca. Luiz de Oliveira Guimarães, meu colega mais novo nos bons tempos d'«A Capital», e hoje magistrado ilustre e arqueólogo de mérito, deu-nos em Junho, mês das fogueiras e das rapiocas, com balõesinhos e marchas *aux-flambeaux*, um opúsculo gracioso «Os Santos Populares», numa tiragem limitada a 600 exemplares numerados, que o meu prezado Luiz Guimarães escreveu como se estivesse fazendo «blague», salvo seja, ao ouvido de Madame X. O voluminho vem acompanhado de oito estampas curiosas para os coleccionadores desta iconografia especial, e posso garantir-lhes que o livrinho se lê com agrado, aquele agrado com que se ouve sempre cavaquear o seu auctor que por mais carrancidos e tristonhos que amaneçam os dias tem sempre estampado no rosto e na alma um agradável sorriso de juventude.

E para fechar, regressando às realidades da porca da vida que as fogueiras de Junho não conseguiram aligeirar sequer. Imaginem os senhores que, há duas ou três semanas, nesta admirável Lisboa onde a policia tem mais que fazer do que vigiar as nossas ruas e defender o nosso sono reparador, pára na minha rua, aí por volta das três, quatro horas da manhã, um ilustre malandrão que se entretém com este insignificante prazer, inofensivo e académico, ir batendo a todas as portas por onde passa e que tenham campainhas.

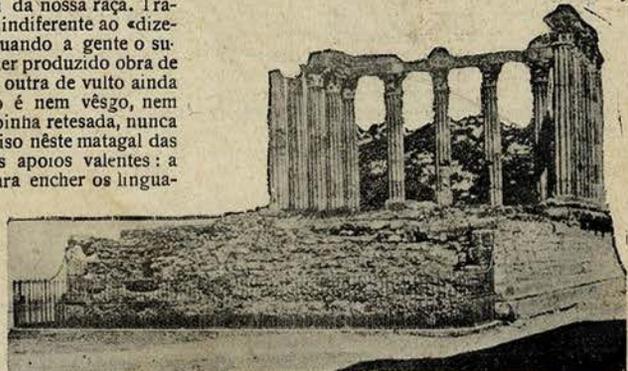
É um encanto, esta brincadeira do patifório, a que a policia, se a houvesse, já devia ter deitado a mão para lhe destinar officio menos trabalhos e fatigante. O homem passa, as campainhas tocam, as pessoas acordam estremunhadas, os cães ladraram nos quintais solitários, e quando se chega à janela a ver quem é só existe a rua deserta.

Claro que uma noite, um cidadão pacífico perde o amor ao sono, espera o freguês, escaqueira-lhe a cabeça, e então nessa altura surge a policia — a policia vigilante, a policia protectora da integridade física de todos os patifes que nem ao menos nos deixam usufruir serenamente o direito de dormir.

E ainda há quem diga que nós não somos um país de civilizados e que o problema português não é apenas um problema antropológico!...

Más linguas...

FREI GIL DE ALCOBAÇA.



As ruínas do magnífico templo de Diana

# Foi um português quem inventou a forma de dar relêvo às figuras no cinêma, sem «écran»...



O recibo do pedido de patentes de invenção

UM dos problemas que em cinêma mais tem preocupado as pessoas que do cinêma vivem, desde as que o descobriram, tem sido o do relêvo a dar às figuras, dispensando o écran, de forma a ter-se a impressão de se estar vendo autênticas pessoas. Lá fora, onde os inventores têm campo de acção e capital em abundância, as experiências têm sido sem conto, sempre sem resultado.

Há dias, fomos surpreendidos por uma notícia publicada no *Diário de Notícias*, na secção «Vida artística», e na qual se lia: «Em Hollywood está-se pondo em prática um novo invento pelo qual se consegue dar relevo às figuras projectadas nos filmes, dispensando-se o écran.» Depois de se referir aos trabalhos do inventor e das experiências realizadas, a mesma notícia informa-nos que o novo invento está já registado em vinte nações, para a proteger de qualquer imitação, e que se está constituindo uma sociedade com um capital de 20 milhões de dólares para o explorar.

Trata-se duma invenção cujo valor é desnece-sário encarecer e, quando a lemos, sentimos logo o infundável desejo de o vermos a funcionar em Lisboa, onde, certamente, mais tarde ou mais cedo chegaria. Todavia, lembrava-nos vagamente que existia um compatriota nosso que, há mais duma dezena de anos, havia feito em Lisboa experiências dum invento seu que aspirava a resolver este assunto do relêvo das figuras filmadas. Seria esse o mesmo inventor que em Hollywood estaria agora a dar leis e em favor do qual se estariam mobilizando capitais avultadíssimos para explorar o seu invento?

O acaso é para o jornalista o melhor portador de assuntos e foi ele quem, passados alguns dias, nos deparou pessoa amiga que veio esclarecer-nos, mostrando-nos que nos enganávamos quando supunhamos ser o tal nosso compatriota quem na América do Norte estava revolucionando o cinêma e que, gentilmente, nos apresentou a este, em carne e osso.

...e, afinal, aparece agora um novo inventor em Holliwood

## NA PRESENÇA DO INVENTOR DO «AEROVITÓGRAFO»

Apeámo-nos do *electrico* no Calvário e trepamos à Rua Leão de Oliveira, que é cortada pela dos Lusíadas. Nesta, no n.º 74, um prédio enorme de cinco andares, reside, num rés-do-chão modesto, o Sr. Carlos Joaquim Maria dos Santos, que nos tinha sido indicado como o autêntico inventor do cinêma em relêvo. A sua porta abriu-se e prontamente, mal êle tomou conhecimento de que o *Reporter X* necessitava falar-lhe e nós, entrando, encontramos-nos na presença dum homem baixo, franzino, de meia idade, cujo rosto traduz, logo ao primeiro exame, vontade firme e inteligência, ao mesmo tempo que resignação.

Logo que lhe falámos do assunto que ali nos levava, o seu semblante animou-se, num misto de alegria e de saúde, como se se falasse a um pai dum filho estremeado que já não pertencesse ao número dos vivos.

E o Sr. Carlos Santos contou-nos, então, a sua odisseia através de todos os trabalhos para fazer vingar o seu invento, o que conseguiu, para agora, por falta de dinheiro, se ver assim esbulhado da honra de ter sido o primeiro, bem como dos proventos que adquiriria com o seu labor, com a agravante, ainda, de se haver perdido uma excelente ocasião de levantar mais uma vez o bom nome inventivo português.

O Sr. Carlos Santos é electricista e, como tal, há muitos anos que trabalha, também, como operador cinematográfico. Daí o desejo que despertou nêle de fazer do cinêma alguma coisa mais do que simples projecção de figuras. E, assim, há quasi uma vintena de anos, começou fazendo experiências tendentes a conseguir projectar as figuras, sem necessidade de écran, dando-lhes relêvo, de forma a dar a impressão de que se estava na presença de pessoas autênticas.

## UM ACHADO DUM GRANDE CAPITALISTA E DUM GRANDE AMIGO DE ARTISTAS

Os trabalhos foram decorrendo morosamente, devido à falta de capital, até que num dia, o sr. Carlos Santos, conseguiu resultados apreciáveis nas primeiras experiências feitas com um minúsculo aparelho, procurou o saudoso empresário do Coliseu dos Recreios, Sr. António Santos, o qual, depois de apresentado o invento, prometeu ao inventor financiar as despesas da montagem do *Aerovítografo*, para que a primeira apresentação do invento se fizesse no seu Coliseu.

Os trabalhos iniciaram-se imediatamente, e, montados já os respectivos aparelhos, fizeram-se experiências, às quais assistiram, além do empre-

zário António Santos, o nosso camarada de imprensa, decano dos *reporters*, Machado Correia. Se bem que satisfatórios, não foram completos os resultados: o ruído era ensurdecedor e no palco aparecia ainda uma réstêa de luz que prejudicava o bom andamento dos trabalhos. Ficou então combinado que o sr. Carlos Santos estudasse a fórmula de eliminar êsses inconvenientes, o que êle procurou fazer logo, entregando-se ao estudo.

## A PRIMEIRA DESILUSÃO

Entretanto adoecia o empresário António Santos e, quando, passado tempo, Carlos Santos entrava na residência daquele para lhe participar que encontrara a incógnita e a remediara, António Santos acabara-se-lhe a existência, havia momentos.

O nosso inventor ficara outra vez sem poder prosseguir nos seus trabalhos, já por falta de capital, já porque o Coliseu esteve fechado durante muito tempo e todos os apetrechos lá estavam.

Passados tempos, em Setembro de 1922, o sr. Carlos Santos conseguiu um sócio capitalista, um homem muito conhecido entre nós pelo seu espírito irrequitado, pelas campanhas que fez contra várias entidades, o tenente Souza Azevedo, antigo funcionário dos Correios e Telegrafos.

No dia 21 do mesmo mês e ano, o sr. Carlos Santos tirava patente de invenção do seu trabalho na Repartição da Propriedade Industrial, com o numero 12.960, como se prova com o documento reproduzido gráficamente e que ilustra estas notas, e os ensaios voltaram a fazer-se, desta vez no «Salão Lisboa», cedido pelo seu empresário.

## DE COMO A POLÍTICA PODE PREJUDICAR UM INVENTO...

A estas experiências assistiu, tendo-os auxiliado como técnico, visto ser operador, um espanhol de apelido Cortinas, cujo paradeiro o sr. Carlos Santos agora desconhece. Ainda desta vez o nosso inventor não conseguiu levar a bom termo os seus

(Continua na pag. 15)



O nosso redactor falando com o inventor do Aerovítografo

# Um caso de espionagem em Cabo Verde

As primeiras suspeitas — Submarino à vista — A valorosa acção da «Ibo» — O primeiro ataque — Presos — O mal e a caramunha.

DA 2 de Novembro de 1918. O Porto Grande de S. Vicente — um dos maiores do continente e das colónias portuguesas — achava-se repleto de barcos de várias tonelagens e içando os mais diversos pavilhões, que naquele grande porto português guardava contra os submarinos alemães que infestavam os mares.

Além dum lugre americano, barcos franceses e ingleses da carreira, que ali tinham ido para meter carvão, dos vapores que aos alemães tinham sido apresados, e uma frota brasileira, que a recente entrada do Brasil na guerra immobilizara.

Além destes haveres preciosos a guardar e da vida dos seus tripulantes a proteger, a canhoneira *Ibo*, do comando do então 1.º tenente Henrique Correia da Silva, conde de Paço de Aroos, tinha também a seu cargo, como se ainda fosse pouco aquele gigantesco serviço, que proteger os cabos submarinos que, sulcando o Atlântico, ali perto vão amarrar. Naquele dia, com uma audácia espantosa, os submarinos alemães tinham resolvido bombardear os barcos fundeados no interior do porto! Se bem o pensaram melhor o fizeram, e às 7 horas da manhã afundava-se o paquete brasileiro *Guabiba*, atingido com um torpedo na linha de água, logo seguindo igual destino o *Acary*, da mesma nacionalidade. O que seguiu à catástrofe dificilmente se descreve e facilmente se adivinha. O pânico apossou-se de tudo e de todos, enquanto às águas do porto se coalhavam de destroços.

Só a *Ibo*, galbardadamente, honrando a bandeira portuguesa içada nos topos, fazia frente ao monstro inimigo, um cruzador-submarino armado de duas peças de 15 cm., que, na ocasião da fuga em frente da *Ibo*, tinha um torpedo pronto a disparar. O submarino era o Y-115, e comandava-o o capitão de corveta «von» Koppamel.

## O PRIMEIRO ATAQUE ALEMÃO

Depois do ataque alemão do dia 2 de Novembro de 1918, que foi seguido, por parte de outros submarinos, com tentativas infructíferas de bombardeamento dentro do porto, vieram suspeitas, já antecedidas por outras suspeitas, de que, dentro do porto, alguém havia que servia de informação e guia para o inimigo, na sua devastadora obra.

De facto assim era. No porto achava-se fundeado o *Kannemerland*, da marinha mercante holandesa, cujo comandante «von» Toorner esteve, há dias, em Lisboa, comandando outro, e nos fez vir à memória o que sobre a parte secreta da Grande Guerra — a invasão dos espíões em todos os países — está escrito, e alguma coisa do muito que ainda falta escrever.

Em face dos factos conhecidos e por motivo da opinião pública apontar os tripulantes do barco holandês como réus do crime de traição e espionagem, foi o barco sujeito a apertada vigilância. Um dia, foi visto fazendo sinais Morse, com luzes, para o alto mar. Outra vez, foi colhida a sua tripulação tentando demarcar as posições do cabo submarino. Içavam sinais que, naturalmente pertencentes a um código secreto, tinham para o inimigo indicações preciosas, e os barcos de salvamento do *Kannemerland* saíam fóra da baía, abastecendo submarinos inimigos.

## REUS DE ALTA TRAIÇÃO

Já não podia haver suspeitas sómente! Todos tinham a certeza que os tripulantes do *Kannemerland*, da Real Marinha Holandesa, tinham enten-

dimentos com o inimigo, e que os seus tripulantes, com o comandante Toorner à frente, se dedicavam à espionagem. Possuidor dessa certeza, o comandante Paço de Arcos, a quem, como comandante da *Ibo*, estava entregue a defesa do porto, não hesitou um momento — como não hesitou nunca no cumprimento do dever, e ordenou que uma força de infantaria, do comando do tenente Correia Modesto, fosse colocada a bordo, com os intuitos de conter em obediência tão irrequietos holandeses. Mas esta medida de nada valeu, do que só se pode admirar quem ignorar os esconderijos que possui um barco, ao qual é impossível passar uma busca rigorosa.

Mas queria o destino que maior prova da espionagem feita pelos holandeses tivessem as autoridades de Cabo Verde. Um dia, a 16 de Novembro de 1917, talvez porque lhe falhassem os sinais ou os mantimentos que do *Kannemerland* lhe deviam ser enviados, um submarino teve a bela audácia de entrar no porto e atracar ao costado daquele barco, sendo repellido a tiro de espingarda pelos soldados que a bordo tinham sido colocados.

Não podia continuar o desafio, e não podia a população e os haveres duma colónia, assim como os barcos que estavam no seu principal porto, continuar defendendo-se da audácia, mais que da audácia — do atrevimento do inimigo e dos seus comparsas.

Foi então que o comandante Paço de Arcos — contra a vontade do governador da colónia, medroso perante as responsabilidades — fez desembarcar os tripulantes do *Kannemerland*, que deixaram de fazer espionagem a bordo... e foram para terra, instalados num magnífico hotel, pago, ainda por cima, pelo Governo de Portugal!

## UM PORTUGUÊS A BORDO DO «KANNEMERLAND»

No navio holandês, onde era feita a espionagem contra Portugal e que se provou ter entendimentos com o inimigo, havia um tripulante de nacionalidade portuguesa. Folheámos, há dias, o seu depoimento, que é uma peça curiosa deste processo. Chama-se Manuel Rosário do Livramento, é natural de S. Vicente de Cabo Verde, e tinha então 15 anos de idade.

Tinha embarcado no *Kannemerland* uma das vezes que ele ali tocara, seguindo ne e para Buenos Aires, onde esteve mais de um mês e onde foram desembarcados dois tripulantes, um inglês e um norte-americano, sendo significativo este fenómeno das nacionalidades. No Brasil, onde esteve depois, meteu o barco carga que ia de noite para bordo, vindo-se o pobre moço de cozinha — lugar que o Manuel do Livramento ocupava — chegar-se ao porão onde essa misteriosa carga fóra a'ojada.

Este português, que era um garoto de pouco mais de 15 anos, deu um exemplo nobilíssimo, recusando-se a servir no barco holandês que tão mal usava e tanto abusava da hospitalidade que em Portugal lhe fóra concedida. Infelizmente o seu exemplo não foi seguido, nas colónias e na metrópole, por tantos que não tiveram pejo em mercadejar com a Pátria — e a alguns aqui nos temos referido.

## O MAL E A CARAMUNHA...

Um ano depois assinava-se o armistício, no dia inolvidável de 11 de Novembro de 1918. O que sucedeu aos holandeses, que nunca estiveram pre-



Von Toorner, comandante do «Kannemerland».

sos, que num bom hotel e nos clubs da ilha bailavam sem cessar, a quem não faltava nada e contra os quais pendia, exuberantemente provada, uma acusação tão grave? Pelo então governador de Cabo Verde, apressado em se livrar de trabalhos e de responsabilidades, fo-lhes entregue o barco e, dias depois, faziam-se ao largo. Mas, num esgar de troça, aliás justificadíssima para quem tão mal se sabia defender, reclamaram, por vias diplomáticas, contra o atropelo que em S. Vicente de Cabo Verde tinham sofrido.

Naturalmente que esta reclamação não teve seguimento, mas mostra a frouxidão com que portugueses, em Portugal, durante a guerra, defendiam os seus direitos, numa excessiva generosidade para com o inimigo.

E' esta uma página ignorada da nossa história da guerra. Quantas, ainda, não estarão por escrever?

REPORTER DIÁVOLO

## Medicina Dentária Dr. Teixeira Coelho

Membro de várias Sociedades Científicas do Estrangeiro

DIPLOMADO pela Universidade de Coimbra e Faculdade de Medicina de Lisboa. Especializado em Bruxelas. Dignatário de várias ORDENS. Extração de dentes ou raízes, s.m.dôr, desde 10\$00. Obturações temporárias de 10\$00. DENTADURAS COMPLETAS desde 200\$00. PREÇOS MAIS BARATOS QUE NAS POLICLINICAS. ESPECIALIDADE EM DENTADURAS INQUEBRÁVEIS. Calçada do Jogo da Pêla, 4 (esquina da Rua do Socorro, em frente da Rua da Palma). CONSULTAS GRATIS AOS POBRES. EXTRACÇÕES DESDE ESCUDOS 2\$50

# Qual foi o maior mistério das grandes cidades, em 1931

## A exposição de pintura de Túlio Vitorino

### Um acontecimento artístico

**A**FASTADO há muito tempo dos pinceis e da paleta, há dois anos que Túlio Vitorino, um artista desconhecido, afastado das tubas da fama, voltou a expôr os seus interessantes trabalhos de pintura.

A técnica de Túlio Vitorino torna-se cada vez mais sólida e sóbria, os motivos são os invariáveis temas da paisagem portuguesa, trata-os o pintor com sínteses novas. Se há ainda alguns desgarramentos de cor, o desenho é sempre firme, a perspectiva certa, tudo



Túlio Vitorino

isso aliado a uma mancha larga e a uma visão lúcida.

O bucolismo do artista revela-se a cada passo na eleição dos motivos e no arranjo de certos permenores rústicos. Túlio Vitorino é um pintor rural, seguro quando fixa os aspectos da vida campesina, com quadros interessantes, cheios de verdade, onde se revela uma mão segura para o desenho, de visões largas.

Com cambiantes seguros de luz, que tornam as suas paisagens maravilhosas de luz, uma luz difícil, sol claro e vitorioso, ou tardes cinzentas e nostálgicas, Túlio Vitorino revela-se um dos grandes valores da nossa depauperada reserva artística.

A exposição continua patente ainda por alguns dias na Sala da Nacional de Rádio, na Rua da Betesga, 57, 1.º.

**T**ODAS as grandes cidades, negros formigueiros de milhares de corpos e almas, ocultam faunas invisíveis de dramaturgos, de comediógrafos, de romancistas, criadores constantes e geniais de tragédias imprevisas, de farças capazes de crisparem, em esgares de loucas gargalhadas, rostos esteriotipados pela Dôr, de folhetins «boites-à-surprise» da emoção. Se Lisboa, a mais «cúbula», preguiçosa e burgueza das capitais, não se esquiva a essa literatura vivida, entre-choque de ambições, de vícios, de ódio, de amôres, não se priva do seu «Chantecler» dos «Grandes films» misteriosos da realidade — que se visiona o que será o repertório sensacionalista dos Shakespeare, dos Molière, dos Wallace activísimos de Paris, Londres ou New-York. Se cada homem, das grandes cidades oculta um segredo, cada se-



Cênas de Belgrado: à direita, a gendarmarie sérvia (do general Petrovitch); à esquerda, o rei Alexandre

grêdo esconde a obsessão de um tesouro, de uma Mulher, de uma Glória ou de um Paraizo Proibido; se cada obsessão exige uma lucta de astúcias, de audácias e de máscaras, a máscara que transforma, num minuto, a velhacaria em lealdade; o nobreza em egoísmo, o egoísmo numa traição ou num crime; se o tictaquear de cada minuto é um desfile de intrigas, de dramas, de crueldades, que se imagine o que será um só dia e o que serão os 365 dias de um ano, de um ano, século XX, de um ano-post-guerra, de um ano, ano 1931!

Abre-se hoje um grande jornal de uma grande cidade e logo na primeira página, num estendal de colunas, projectam-se os grandes «casos do dia» do próprio dia, grandes, cujas lágrimas, cujo sangue, cujas sombras não já, no dia seguinte, cujas assopradas por novos mistérios, novas emoções, novas tragédias sensacionais. Depois, nas outras páginas, telegramas estrangeiros noticiando *affaires*, talvez mais folhetinescos ainda, mas que a distância apouca e reduz a poucas linhas, e que o nosso espirito raramente fixa... E os outros, aqueles das cidades que o telégrafo desprezou por serem mais longínquos ainda e cujo eco se perde como o do grito desesperado dum naufrago perdido a meio do oceano? E aqueles que só saem do cofre blindado da nossa alma para passarem a outro cofre mais discreto ainda, o do Túmulo?

... Os nossos *dosstieres*, estalam, hipertrofiados de casos sensacionais, de mistérios angustiados em silêncio que transbordaram das nossas páginas para os arquivos... São inéditos, para ti, leitor, e são dignos da tua sensibilidade. Mas como era impossível darmos sequer o resumo de todos, vamos seleccionar o mais representativo e empolgante de cada capital e oferecer-te assim num rápido conjunto e numa sintética sucessão de quadros, através de algumas semanas, o que foram os «maiores mistérios, das grandes cidades, durante o ano 1931».

## Em Los Angeles

### O DEGREDADO DO ASCENSOR DE PERV PALACE

Um realizador cinematográfico que é vítima de um roubo... e que nada lhe roubam.

Los Angeles, que é hoje uma das maiores cidades da California, e que ainda há poucos anos apenas abrigava pescadores, devc o seu rápido desenvolvimento à vizinhança de Hollywood, aonde um *tramway* eléctrico nos conduz em poucos minutos. E se todos os habitantes de Hollywood

vivem directamente da indústria cinematográfica, os de Los Angeles vivem directa ou indirectamente de Hollywood. O amor, o ódio, a inveja, a ambição, o crime, o roubo, na estatística de Los Angeles estão, em grande maioria de casos, ligados à cinematografia.

Em Junho último, no Pery-Palace-Hotel de Los Angeles hospedou-se o *metteur-en-scène* dinamarquês Leon Walder, o realizador da «Six Stars» da «London-Pictures». Vinha contratado pela Universal-Film para realizar uma série de películas do seu «estilo». O contrato tinha início no dia 25, e Leon Walder, após umas visitas ao director, trouxe para o hotel umas dúzias de argumentos entre os quais devia escolher os assuntos para os seus futuros films. Artista consciencioso, dedicou-se de alma e cérebro ao estudo dos «cenários», passando parte do dia e da noite fechado no seu quarto. Na noite de 10 havia baile no *hall* do Hotel e Walder desceu para se divertir um pouco. Conheceu nessa noite uma jovem, cujo nome e nacionalidade não lhe foram revelados, mas que falava o inglês com pronúncia estrangeira. Fosse porque fosse, a jovem perturbou profundamente o espirito do *metteur-en-scène*, que, por sua vez, conseguiu uma rápida sedução na desconhecida, ao ponto de a convencer a beber champagne... clandestino, no seu quarto. Tomaram o ascensor, em cuja cabine vinha só o encarregado da manobra e um hospede do mesmo andar de Walder — o 12.º andar. — Na ascensão retiniu a campainha de alarme, preve-



Uma vista de Los Angeles — vizinha da capital dos filmes e... dos escândalos

## Resumo dos «affaires» sensacionais do ano que finda

### I SÉRIE — Em Los Angeles, Barcelona, e Belgrado

nindo que havia alguém no 5.º andar, que esperava o elevador. Ao chegar ao 5.º andar, o elevador parou, mas não vendo ninguém, o empregado saiu para o patamar, pensando que os hospedes que tinham dado o aviso se haviam afastado. Mal ele dera uns passos fóra da cabine a porta fechou-se, e o elevador subiu rapidamente.

Pouco depois, um criado do 12.º andar vai para o elevador — mas como a porta não se abria, ele próprio a abriu. Qual não foi o seu pasmo ao encontrar *metteur-en-scène* caído no solo, sem sentidos, com toda a aparência de um cadáver. Na cabine não havia mais ninguém: a jovem e o outro hospede, que acompanhavam Walder, tinham desaparecido. O criado entrara na cabine e curvara-se sobre o corpo do dinamarquês, quando a porta se fechou e a cabine começou a descer, só parando no *hall* visto que ele, o criado, não conhecia a manobra. Chamado um médico, rapidamente diagnosticou anestesia por meio de clorofórmio. Voltando a si Walder declarou que estranhara o facto do elevador subir sem o empregado; e no momento em que comentava o caso ao ouvido da sua jovem e bela companheira, se sentiu agarrado por alguém que lhe colocara um pedaço de algodão na boca empapado naquele anestésico. O que se passou depois, não sabia. Da jovem e do outro hospede ninguém deu fé. Ele apenas notou que faltavam as chaves do quarto e da secretária. Correu-se ao seu *appartement* e viu-se que as gavetas tinham sido vasculhadas, mas contando o dinheiro e os argumentos nelas guardados, reconheceu-se nada faltar. Este mistério deu pretexto a sensacionais reportagens, sem que os reporteres ou os detectives conseguissem decifrá-lo. Acalmado das emoções sofridas, Walder recomeçou o estudo dos argumentos, e escolheu o melhor para começar.

No dia 15 de Junho, apresentou-o na Universal, e com grande pasmo o director, Lemann, confessou que não conhecia aquele *centurio* nem se lembrava de lho ter dado. Mas como este detalhe em nada influiu, o film fez-se e três meses depois estreava-se em Hollywood. Mas novas surpresas aguardavam o *metteur-en-scène*. Na noite da estreia apresentou-se à policia um individuo dinamarquês declarando e provando ser autor do argumento; e queixando-se de Walder por ele o ter filmado sem sua licença, exigiu uma indemnização de dois milhões de dolares... E Walder, ou antes, a Universal, não teve outro remédio senão pagar. Seria esta a decifração do mistério do Pery-Palace-Hotel de Los Angeles? Os jornais assim o insinuaram, mas a policia é que não obteve um único indício que a permitisse proceder contra o autor do argumento. Quanto à jovem e ao hospede que acompanhava Walder no elevador, nunca mais houve notícias...

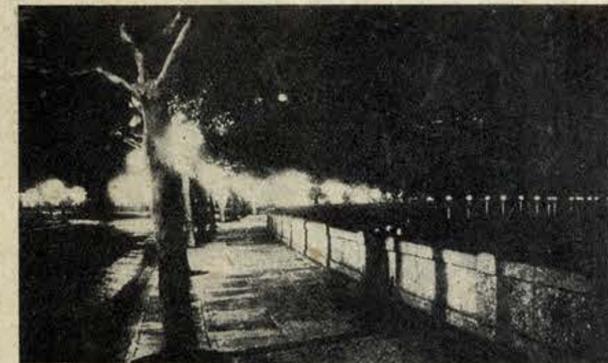
## Em Barcelona O RETRATO FATAL

A amante do alcaide, que é vítima dum atentado... por causa duma porta.

Barcelona já dissemos uma vez que é o Montmartre da península e que o Paralelo, a avenida

de todos os progressos e vícios, era o Montmartre de Barcelona. O crime que emocionou a Espanha inteira, em Maio do ano passado, é bem característico — bem barcelonês; bem do Paralelo...

O secretário do alcaide — uma das figuras mais salientes da metamorfose política — Lucas Solís — fez 35 anos no dia 22 de Maio. Como é solteiro, festejou-os, convidando uns amigos a ceiar com ele no «Font del Gat» — *cabaret* que evoca um dos pontos mais pitorescos de Montjuick. A meio do banquete vieram chamá-lo ao telefone do Ayuntamiento — para um assunto urgente. Abalou — e como a cabine do telefone estava no primeiro andar, teve de subir a escada. Quasi no final do primeiro lance chocou-se com um rapaz, o qual, fingindo-se bêbado, o abraçou e vitorioso escandalosamente o seu nome. Desembaraçando-se dele, entrou na cabine e não conseguiu que lhe ligassem



Um aspecto nocturno do Rio de Janeiro

com o Ayuntamiento. Atribuindo a partida a qualquer gracioso de mau gosto — regressou à sala do banquete. No acto de pagar a conta, deu por falta de uma das duas carteiras que possuía — precisamente a que continha menos dinheiro — 50 psetas — e alguns documentos de pouca importância, entre os quais os seus bilhetes de visita. Finda a festa, foi, como de costume, visitar uma senhora, que havia seis anos compartilhava do seu coração — a actriz Marie Bel — que já trabalhou no Eden Teatro, de Lisboa, em 1924, na Companhia de Gomes Ferrer. Encontrou os vizinhos da sua amante em grande alvorço. Dera-se um crime em casa de Marie Bel — e esta partira já para o hospital, entre a vida e a morte. Eis como os jornais noticiaram o caso: A's 2 horas da manhã, quando ela regressara do teatro, apresentou-se um *groom* de *cabaret* com um bilhete de visita do amante, dizendo que não se despesse, porque a iria buscar para cearem juntos. A's 2 e meia, um novo bilhete a avisava de que ele não se demoraria — e que trouxesse consigo o retrato que lhe oferecera na véspera. Cinco minutos depois, novo bilhete: que, quando ouvisse buzinar um automóvel, descesse. O automóvel (não o do amante, já se vê, que a essa hora continuava no *cabaret* discutindo o misterioso desaparecimento da sua carteira) buzinou às 3 e 10 — e Marie Bel, despedindo-se da criada, começou a descer a escada. No primeiro lance presentiu, nas trevas, alguém... e, julgando que era o amante, estendeu-lhe os braços. Recebeu, nesse momento, uma punhalada que a prostrou, esvalda em sangue — e o criminoso apenas lhe tirou o retrato que Lucas Solís lhe oferecera na véspera. Como os outros, este mistério continua hoje sem decifração; nem o autor do roubo dos bilhetes de visita, chave de tudo, e o do atentado foram descobertos — nem o objectivo no roubo do retrato foi explicado.

## Em Belgrado

### (CAPITAL DA SÉRVIA OU JUGO-ESLÁVIA) UM GENERAL ESCAMOTEADO

Ainda não se tinham silenciado os jornais sobre o enigmático desaparecimento do general russo

(Continua na pág. 13)

## A luta pela independência da Índia

Que conseqüências trará a prisão de Gandhi?



**G**ANDHI foi preso. O apóstolo da independência da Índia encontra-se preso à ordem do Vice-Rei da Inglaterra. Bem ele tinha dito, quando deixou Londres, depois da conferência da Távola Redonda, que grandes acontecimentos se iam dar que ameaçavam a vida e a hegemonia do velho império britânico. A luta pela independência das Índias, responde a Inglaterra com a prisão do seu chefe incontestado, essa figura de apóstolo que parece talhada para o martiriólogo. Ao desafio do Congresso Pan-Índio que aconselhara a desobediência civil, firme mas sem violências, respondeu o governo de Inglaterra, por meio do seu delegado, com um gesto de força que bem demonstra o desejo de manter a ordem na Índia, custe o que custar. Abertas assim as hostilidades entre os dois partidos francamente opostos, o que vai suceder? Difícil é, neste momento, fazer vaticínios. Mas a história e até a lógica demonstram que quando um povo livre, cheio de vitalidade, deseja ardentemente a sua independência, só socega quando a conquista. E, por isso não é necessário ser vidente para ter a certeza que a luta que agora começou, tão cedo não terá fim.

# O sr. Conde de Sucena nega-se ao pagamento de 80 contos, e manda prender o credor...

**N**A vida turbulenta das cidades perpassam casos que, pela categoria das pessoas ou entidades nêles envolvidos, ainda que logrem um ápice de publicidade — e raras vezes isso acontece — logo são atirados para o esquecimento.

Está nestas circunstâncias um caso acoiado de «chantage», em que são queixosos o sr. conde de Sucena e o Montepio Geral e acusado o sr. José Francisco Leal.

A notícia veio nos jornais diários há tempos. Fôra preso o sr. Leal, por queixa do conde de Sucena e do Montepio Geral, que o acusavam de ter tentado fazer chantage, ameaçando-os com a publicação dum folheto em que eram ambos atacados, caso o conde de Sucena não lhe pagasse uma percentagem de 3% sobre um empréstimo que o sr. Leal negociara com o Montepio Geral a favor do segundo queixoso, e não conseguira realizar.

De facto o sr. Leal esteve nos calabouços do Torreão os oito dias da praxe, findos os quais foi remetido ao tribunal, donde transitou para o Limoeiro, por não ter prestado uma fiança de 150 contos, que lhe fôra arbitrada no cartório do escrivão Rebôcho.

Passados dias o sr. Leal fazia publicar nos mesmos jornais uma carta sua, na qual, depois de desmentir os seus acusadores, e de informar que se

encontrava já em liberdade, sem fiança, terminava por convidar o público a assistir ao seu julgamento, para assim ver de que lado estava a razão, e por declarar que não voltaria a tratar do assunto na imprensa, antes do julgamento, houvesse o que houvesse.

O Reporter X falsearia a sua missão se não dedicasse a este caso a sua atenção, tanto mais que elle se apresenta com um aspecto pouco claro. E o caso é que não perdemos o tempo. O que apuramos parece mostrar-nos que da parte do Conde de Sucena não houve seriedade, pois tendo-se comprometido a cumprir determinadas clausulas dum negócio, que o obrigaram a pagar certa importância, se negou a fazê-lo, e ainda por cima mandou prender a pessoa com quem negociara. Mas o caso tem um outro aspecto, — e esse mais grave — que é o Montepio Geral, uma Associação de Socorros Mútuos, que não é da sua direcção mas dos seus associados, ter-se colocado, segundo tudo parece indicar, ao lado do conde de Sucena num caso em que este não cumprira com o combinado, dando assim a impressão de que a direcção andou, pelo



A sede do Montepio Geral, na Rua Áurea

menos, com leviandade. Mas vamos à reportagem dos acontecimentos que, nem por envolverem um negócio grato, vimos tratada na chamada grande imprensa.

O Conde de Sucena, que toda a gente sabe, está fazendo reconstruir o Eden-Teatro para o transformar num grande cinema, precisou de dinheiro a certa altura e procurou negociar um empréstimo de 7.000 contos, tendo desistido após várias deligências, por nada ter conseguido.

O sr. José Francisco Leal, sabedor do fracasso succedido ao Conde, ofereceu-se-lhe por intermédio dum tal José da Câmara Pires, para conseguir o empréstimo. Houve as entrevistas da praxe e ficou assente que o sr. Leal receberia 3% sobre o montante do empréstimo, a pagar pelo Conde, no caso dele se realizar.

As negociações correram com o Montepio Geral, tendo-se trocado correspondência entre esta entidade e o sr. Leal, até que, feitas as necessárias avaliações das propriedades do Conde dadas para hipoteca, o Montepio Geral informou que só poderia emprestar 3.500 contos.

O Conde de Sucena declarou não lhe interessar o negócio, por o dinheiro não lhe chegar para o que elle queria, pois só à Caixa Geral dos Depósitos tinha que pagar 2.700 contos que ali devia, para assim deshonorar as propriedades a hipotecar, pedindo ao sr. Leal que lhe devolvesse a carta em que o acreditava como procurador para negociar o empréstimo, bem como a correspondência enviada pelo Montepio Geral, para copiar.

Estes documentos nunca mais voltaram à mão do sr. Leal e, passados tempos, o Conde fazia com o Montepio o empréstimo dos 3.500 contos, que lhe declarara não lhe chegarem, quando negociado o empréstimo pelo sr. Leal. Claro que este apressou-se a reclamar o pagamento da percentagem combinada, já então reduzida para 2,5%, mas o Conde negou-se a fazê-lo, declarando que o empréstimo realizado nada tinha com o negociado pelo sr. Leal.

Vendo o lôgro em que caíra, este senhor resolveu pedir à direcção do Montepio que lhe cedesse cópia da correspondência por elle dirigida ao Montepio. A esse pedido respondeu a direcção dizendo que não só estava nas tradições do Montepio fornecer cópias de documentos do seu arquivo, mas ainda que o sr. Leal obtivera resposta do Montepio, por complacência, pois elle nunca tivera qualidade provada para representar a pessoa em nome de quem se dirigira à Associação.

Depois de tudo isto, tendo o sr. Leal verificado que o Conde de Sucena, deixara de lhe pagar Esc. 87.500\$000, que lhe devia, e ainda por cima o Montepio, que negociava com elle o empréstimo para o Conde de Sucena, reconhecendo o sr. Leal como representante legal daquele, mudara de opinião, quando naturalmente soubera que tinha sido

(Continua na pág. 15)

## O FARAÓ TROCADO ou o mistério das Pirâmides do Egipto

**C**OMO resultado da discussão intensa que se travou a propósito da remoção das múmias dos faraós egípcios, foi notado um engano na identificação de um deles, que está destinado a fazer grande sensação nos meios arqueológicos.

De que se trata?

As pesquisas realizadas mostram que o caixão e os ossos encontrados, que se supunham pertencer a Akhenator, o «rei herético» da 18.ª dinastia, que abandonou o culto do Deus Egípcio, não são os dele.

O macabro engano que só agora foi desvendado é atribuído a proeza de gatunos que violaram o túmulo para se apoderarem dos valores com que os antigos costumavam, nos seus rituais e costumes primitivos, unguir os mortos célebres.

E agora uma querela artística é discutida em todo o mundo, pugna muito semelhante, só diferente na importância, á quella que em Portugal surgiu á volta da celebre questão dos painéis: a quem pertencem os ossos encontrados? Apareceu já um velho arqueólogo inglês, que designou como seu proprietário o rei Himehahere, pouco depois falecido.

Será assim? Não será?

Á volta destas perguntas e querendo simplificar a questão, mas complicando-a cada vez mais, os jornais ingleses, franceses e americanos estabeleceram grande discussão

da qual, ao contrário do que é costume dizer-se, não nasceu a luz.

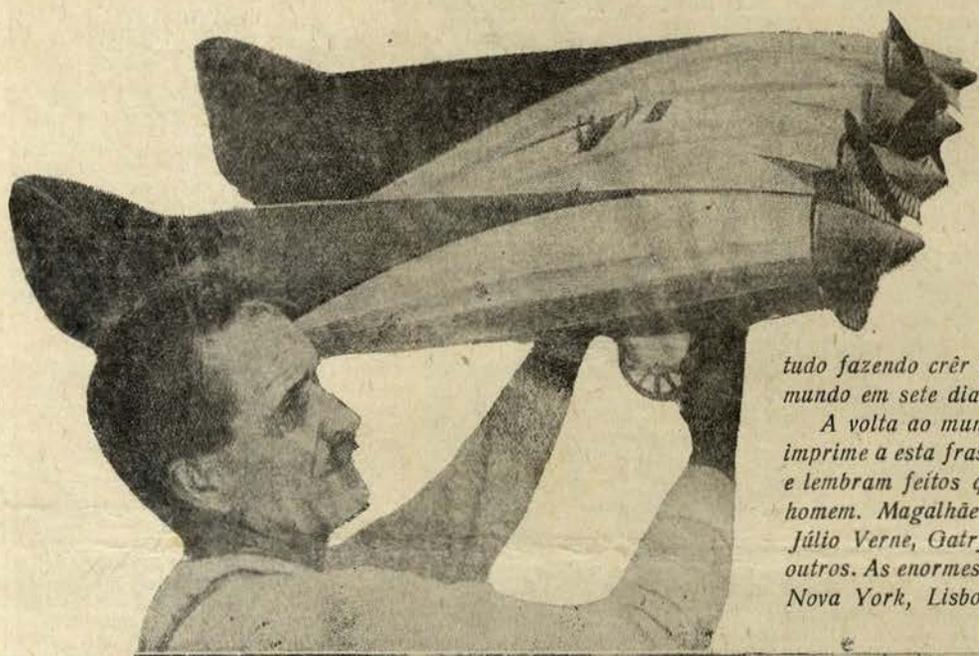
A quem pertencerão os ossos hoje já célebres? Aqui está um assunto que oferecemos aos nossos leitores para que emitam a sua



opinião, pelo menos para que se não diga que Portugal não diz de sua justiça em assunto tão importante que está merecendo a atenção dos homens graves de todo o mundo.

NA HORA DAS VELOCIDADES

# A volta ao mundo em sete dias



eléctrica está sendo experimentado na Alemanha onde tem conseguido velocidades fantásticas. E os grandes paquetes rápidos? O «automóvel-foguete» do inglês Lincoln? Os grandes expressos? Tudo faz acreditar em velocidades fantásticas que deixam a perder de vista o sonho cheio de verdade do grande Júlio Verne,

tudo fazendo crêr na possibilidade da volta ao mundo em sete dias.

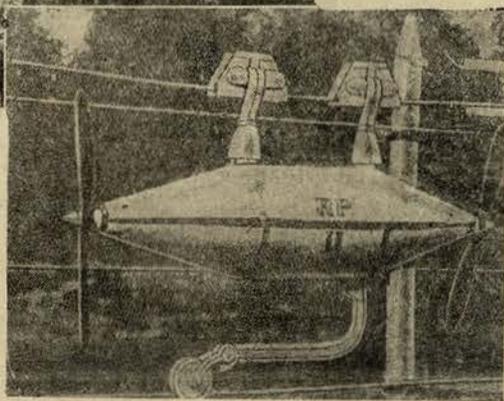
A volta ao mundo em sete dias! A ciência imprime a esta frase a convicção duma profecia, e lembram feitos que immortalizam o arrojo do homem. Magalhães, Nantilus, Graft Zepelin, Júlio Verne, Gatry, Sacadura Cabral e tantos outros. As enormes possibilidades dão vertigens. Nova York, Lisboa, Rio de Janeiro, México,

Berlin, Buenos Aires, separados por poucas horas ou minutos. O gênio do homem — o presente o atesta — tem-se dedicado principalmente, em economisar o tempo. A volta ao mundo em sete dias!...  
Porque não!



**O** sonho de Júlio Verne tão bem delineado no seu livro A volta ao mundo em 80 dias, que fez o encanto da nossa adolescência, foi já ultrapassado. Pondo em jôgo os mais modernos processos de locomoção que foram muito além da fantasia do grande escritor, já hoje se pode dar a volta ao mundo em 7 dias!

Combinando o «aeroplano-foguete» do professor Goodard com o novo aeroplano do tipo «aza voadora» que se vê ao alto da nossa primeira gravura, e adaptado que seja ao transporte de pessoas o «torpedo-aéreo» que se mostra na nossa gravura, que pelo sistema do propulsão



# Alguns dos contemplados no nosso 9.º Concurso

## Relação dos contemplados na última «Batalha Naval» do «Reporter X»



J. Carlos de Almeida, Alfredo Raposo, Manuel Assunção, Ernani R. da Silva, António Neves, Silvestre M. Vaz, José M. Ferreira, António Batista, Abelard dos Santos, D. Emilia Linhares, Homem de Sousa, Máximo Pereira, Joaquim S. Soares, Maria Elena, José M. Silva, Raul Fragoso, Augusto P. da Costa, Daniel Coimbra, José da Silva Lopes, Ilda Dias, Maria E. Cruz, Augusto V. de Abreu, António Vilindo Junior, Lélia de Sá Rodrigues, Joaquim Jacob, Abilio Reis, Alda Sequeira, José Ferreira Fausto, Carlos Albano Girardo, Amadeu S. Abrantes, José J. Cardoso, Luis Augusto Venâncio, Manuel Ribeiro, L. Marques Patricio e Joaquim Batista.

- 1.º prémio — **Esc. 2.000\$00**: Senha n.º 2041.  
 2.ºs prémios — **Esc. 1.000\$00**: Senhas n.ºs 1496 — 3715.  
 3.ºs prémios — **Esc. 500\$00**: Senhas n.ºs 738 — 1126,  
 4.ºs prémios — **Esc. 100\$00**: Senhas n.ºs 1128 — 1158 — 1504 — 1567 — 1568 — 1976 — 3253 — 7204 — 7399 — 7664.  
 5.ºs prémios — **Esc. 50\$00**: Senhas n.ºs 711P — 922 P — 976 P — 1198 C — 1276 P — 1320 — 1367 P — 1996 C — 2235 P — 4939 — 8308.  
 6.ºs prémios — **Esc. 20\$00**: Senhas n.ºs 169 — 179 C — 360 — 364 C — 472 — 458 C — 516 P — 708 — 817 — 808 — 870 C — 888 — 1033 C — 1167 P — 1365 — 1378 P — 1549 P — 1879 P — 2345 P — 2405 P — 2413 P — 2503 — 2684 — 2720 — 2787 — 2877 P — 2905 P — 3142 P — 3204 — 3205 P — 5529 — 5988 — 6033 — 6477 — 6660 — 6804 — 6879 — 7178 — 7255 — 7352 — 7909.  
 7.ºs prémios — **Esc. 10\$00**: Senhas n.ºs 17 — 51 — 100 C — 113 C — 133 — 138 C — 165 — 183 C — 258 — 299 C — 334 P — 386 C — 400 P — 410 C — 468 C — 487 P — 503 — 510 C — 548 C — 557 P — 634 C — 649 — 672 C — 701 — 719 P — 799 C — 805 C — 818 C — 843 C — 846 C — 855 P — 858 C — 867 — 991 — 1032 C — 1042 P — 1205 P — 1205 — 1208 — 1244 — 1310 P — 1371 P — 1394 P — 1530 P — 1548 C — 1579 P — 1660 — 1677 — 1712 P — 1720 — 1728 — 1839 — 1877 — 1915 — 1977 — 1981 C — 1988 — 1993 — 1995 C — 2037 P — 2116 — 2138 P — 2225 C — 2258 — 2360 — 2381 P — 2527 — 2609 — 2617 P — 2665 — 2671 P — 2705 — 2778 P — 2748 — 2796 P — 2811 P — 2881 — 2921 — 2961 P — 3000 P — 3064 — 3092 — 3020 P — 3108 P — 3248 — 3275 — 3325 P — 3364 — 3378 — 3462 — 3573 — 3773 — 3850 — 3940 — 4094 — 4290 — 4445 — 4497 — 4548 — 4628 — 4688 — 4734 — 4782 — 4918 — 4964 — 4976 — 4981 — 5002 — 5093 — 5105 — 5167 — 5292 — 5490 — 5714 — 5734 — 5775 — 5783 — 5786 — 5904 — 5932 — 6094 — 6095 — 6203 — 6925 — 7076 — 7080 — 7155 — 7166 — 7181 — 7252 — 7507 — 7675 — 7742 — 7759 — 8348 — 8421.

### Disposição da 9.ª «Batalha Naval» do «REPORTER X»

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
1											1
2											2
3											3
4											4
5											5
6											6
7											7
8											8
9											9
10											10
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	

### BREVEMENTE

# NOVO CONCURSO «KOLOSSO»

Conforme tínhamos anunciado há semanas o «Reporter X» está organizando um novo **Concurso Kolosso**, mais fácil, mais original, mais emocionante, mais rápido e mais compensador ainda de que «As Batalhas Navais»

## O ESCANDALO DA SEMANA

## A C. N. N., o cofre selado «y muchas cosas más»...

**N**O «Reporter X» da semana passada publicávamos um fugitivo eco sobre um «caso do dia», com o título de «Um Cofre Selado», prometendo para este número uma reportagem mais clara e detalhada sobre o assunto. O «caso do dia» que rapidamente rabiou pela nossa «city» dilatando-se em «caso da semana» e em «caso do mês», alarmando uns, fazendo sorrir outros, emocionando todos os que giram em redor do dinamo financeiro, fôra interceptado à última hora pelos nossos reporteres, se apenas nos chegou o tempo para lhe tirar a *prova dos nove*... E a-pesar de semanário, foi o «Reporter X» o primeiro jornal a informar o público do que se passava...

O sr. Cardoso Leitão é, ao que supomos, um novo ambicioso, que estuda a fundo a época e o país em que nasceu, que gizou um plano audacioso de luta, plano esse que teve,

como primeira vitória, o guindar-se ao posto mais elevado da pilotagem da Companhia Nacional de Navegação. O período que vai do seu quasi anonimato ao último «caso» em que se encontra envolvido — é extraordinariamente curto e apenas oferece, como vestígios da sua passagem, os escândalos que ele provocava nas assembleias gerais — intervindo em quasi todas, como representante de grupos numerosos de pequenos acionistas. Desde que os destinos daquela empresa lhe foram confiados, nunca mais o nome do sr. Cardoso Leitão deixou de ser assinalado cuidadosamente, hoje por isto, am-nhã por aquillo, noticiando uma iniciativa inesperada ou levantando uma acusação; elogiando-o ou atacando-o... Esta tempestade tem vindo sempre a crescer, até que, fez terça-feira oito dias, se transformou em ciclone. Os seus colegas da direcção, chefiados pelo sr. Quaresma Ferra, que era um

dos seus amigos mais dedicados, depois de o acusar gravemente, pretendendo, entre outros casos, que elle comprava o carvão pela tarifa mais alta, pagando-o, de facto, pela tarifa mais baixa, diferença essa que, na opinião dos acusadores, totalisa uma soma de mil e muitos contos, que levantiam em proveito pessoal do sr. Cardoso Leitão, conseguiram a forma de lhe selar o cofre...

Qual será o desenlace deste escândalo financeiro? Triunfará a ofensiva — e o sr. Cardoso Leitão será derrotado — ou, pelo contrario, conseguirá transformar em *calúrnias* todas as acusações e sairá do combate mais poderoso e frágil? Não somos profetas, e embora possamos pensar que o sr. Ferra não se ia meter em tal assunto sem ter a certeza da victoria, verdade é, também, que o sr. Cardoso Leitão possui uma maioria respeitável de acções, que pesarão nas resoluções da assembleia geral.

## Os mistérios das grandes cidades

(Continuação da pag. 9)

Kutiepoff, chefe dos emigrados russos, — proeza de inaudita audácia cometida, há dois anos, em Paris, pelos agentes da G. P. U., de Moscow, — e eis que outra escamoteação, singularmente semelhante, mas mais intrigada e misteriosa, alvorçou o mundo inteiro. A vítima deste ilusionismo invulgar foi o general sérvio Alexis Petrovitch, comandante da gendarmaria Jugó-Eslava. Necessário é preambular a narrativa com o esclarecimento sobre a situação daquele novo e mal alinhavado império. Como é sabido, o rei Alexandre da Sérvia, filho de regicida Pedro e irmão do homicida Waldi, condenado ao degrêdo perpétuo por ter assassinado um laçoio, explorou o calvário do seu povo, no início da Guerra, e a simpatia inexplicável da França, para alargar desmedidamente as suas fronteiras, amalgamando, ao seu capricho, outros povos de carácter, crenças religiosas, tendências e ideais políticos antagonicos — os macedónios, os croatas, os montenegrinos e até os búlgaros. Não abdicando os dominados e não dispondo os dominadores senão de um terço da população do império — vivem aqueles num contínuo, trágico e sacrificado sobressalto, e estes numa ininterrupta violência e tirania. Ultimamente a situação agravou-se e o sangue que avermelha o solo «puzzle» da Jugó-Eslávia não acalmou os ímpetos dos insubmissos, tendo sido confiada a repressão ao general Petrovitch. Afirma o correspondente do *Times* que o comandante dos gendarmes não é tão *felo como o pintam*, sendo até um militar brioso e um homem de coração clemente; mas que o fanatismo pelo rei e a crueldade dos colaboradores com que o monarca o cerca o comprometem, tornando-o responsável por muitos crimes de que elle nem sequer suspeita. E, como responsável, foi elle o alvo do ódio dos povos martirizados, tendo sofrido já duas tentativas de assassinato e recebendo, a diário, ameaças anónimas. Das as cautelas com que o defendem, não saindo nunca da sua residência, em Belgrado, sem ser num «auto» à prova de balas, idêntico aos do monarca e custeado por numerosas *side-cars* apinhadas de policia. O seu próprio lar está, noite e dia, do tecto às caves, guardado por sentinelas atentas — visto

que já uma vez um grupo de croatas tentou invadi-lo... pelo telhado.

Desde 28 de Setembro que, a pretexto de uma crise bronquítica, Petrovitch não saía de casa. No dia 6 de Outubro recebeu a última epistola ameaçadora. «Se não te desfizes e castigas os teus colaboradores, autênticos carrascos dos patriotas,



Entra-se no Paralelo — o bairro da orgia e do mistério ininterruptos — o Montmartre de Barcelona...

— nem Deus te salvará. Tens 12 horas para seguir os nossos conselhos.» Segundo informa a imprensa, o general ficou num nervosismo irritado ao ler esta carta, dizendo à esposa que «era muito possível que tivessem razão, mas que elle nada faria, para que não vissem no seu gesto uma obediência medrosa». O seu orgulho de valente pôde mais do que a sua consciência — e foi isso que o perdeu. A família de Petrovitch compunha-se de esposa, duas filhas, dois filhos e uma nora, esposa do filho mais velho, recentemente casado. Na manhã de

8 de Outubro levantou-se muito cedo, como de costume. A esposa, que se erguera primeiro e que voltara à alcova para concluir a sua *toilette*, conta que lhe dissera: «Não te demores que Marta já veio prevenir-me que os rapazes estavam à mesa, à tua espera.» Marta era a nora; os rapazes eram os quatro filhos. Dito isto, abandonou a alcova. Eram oito e cinco. A's oito e dez o impedido, que saíra, entra na sala de jantar e não encontra o general. «O papá está no quarto.» O impedido dirige-se à alcova, encontrando no caminho a nora do general. «O meu sogro — informou ela — está na sala de jantar. Venho do quarto e a minha sogra disse-me que elle já saíra.» Para compreendermos a razão do rápido alarme que este desencontro provocou, é preciso revelar a topografia da casa do general. O primeiro andar — onde esta cena se desenrolou — tinha à frente a sala de jantar com uma única porta: a do corredor; e o corredor, por sua vez, possuía outras três portas: a que dava para o quarto do filho casado, no extremo oposto ao da sala de jantar, a do quarto do general, a meio, à direita; e a do patamar, frente a esta — à esquerda, portanto. Ora, se a nora se encontrava na sua alcova e os filhos na sala de jantar — onde se metera o general, ao sair, cinco minutos antes, do seu quarto? No patamar encontravam-se, além das sentinelas, um ajudante de Petrovitch, que recebia um recado telefónico, e um velho criado da casa, mourejando na limpeza da escada. Por ali não saíra. O corredor não tinha janelas. Percorreu-se o edificio de alto a baixo... A pobre esposa e os filhos, que há muito previam um desenlace trágico à missão de Petrovitch, avisaram logo a policia. Prenderam-se vizinhos suspeitos; fizeram-se batidas, assaltos — tudo inútil.

Já lá vão quasi três anos — e o general Petrovitch não só não foi encontrado, como se ignora ainda o seu destino, o seu paradeiro, se é vivo ou sequestrado; ou a sua sepultura, se foi morto. Agora dois episódios singulares, a que a imprensa inglesa liga grande importância. Quinze dias após o desaparecimento de Petrovitch — o filho casado suicidou-se — não se adivinhando a causa do seu desespêro. Marta, a viúva, desapareceu no dia seguinte ao enterro do marido, sem se despedir dos cunhados nem da sogra — sabendo-se apenas que reside actualmente em Londres. Interrogada pelos jornalistas, negou-se a declarações, dizendo apenas que «o sogro dera motivos ao ódio do povo jugó-eslavo». Um detalhe, para terminar: Marta é montenegrina, filha de um amigo do Rei Nikita, que foi vítima dos sérvios... (Continua)

# «Galo de Ouro», casa inconfundível de diversões

**Magnífico cabaret, que compete com os melhores do mundo, impõe-se pelo gosto dos seus programas, pelo conforto das suas instalações, pelo ambiente artístico especial e marca bem, numa capital como Lisboa, quanto pode a boa vontade e a tenacidade dos seus organizadores**

EM Portugal tem sido sempre difícil, através de todos os tempos, manter iniciativas por mais que elas interessem à colectividade, quer sob o ponto de vista moral quer sob o ponto de vista material.

Autênticos valores, que em qualquer parte do mundo seriam acarinados, sempre que se apresentassem pretendendo trazer alguma coisa de novo, entre nós não só são desprezados como ainda se procura a todo o transe, através dos mais variados meios, inutilizá-los e à sua obra, se conseguem, com o esforço próprio, vencer.

E' o caso do *Galo de Ouro*, cujos proprietários, rapazes empreendedores, que se preocupam mais com a satisfação de contribuirem para o bom nome da sua terra, do que com benefícios materiais. Sim, porque em qualquer outra indústria lhes seria muito mais fácil uma maior remuneração.

Muitas têm sido as campanhas feitas contra a carreira triunfal do grande *cabaret*, mas nenhuma ainda conseguiu o seu objectivo. E' que o *Galo de Ouro* justifica em absoluto a sua existência, não só por que veio preencher uma lacuna, mas ainda porque mantém um número avultado de pessoas, perto de cem, que representa, pelo menos, outras tantas, visto poucos serem os seus empregados que não têm família constituída.

São digno dos maiores louvores os que, sem se pouparem a esforços, têm conseguido, através de tudo, manter uma casa que, como o *Galo de Ouro*, só honra uma capital, seja ela qual for, onde toda a gente en-

contra lenitivo para as horas de incerteza e cansaça que são as horas de labuta diária.

*Galo de Ouro* vive porque tem que viver, porque conquistou já um lugar que não pode ser substituído, e porque Lisboa já não pode passar sem êle.

Uma noite passada no *Galo de Ouro* representa um acontecimento que nunca mais se esquece na vida.

Luz a ródos, vida exuberante, música, arte, cor, prazer, tudo ali é abundante, mas sem afectação, sem exageros, com esmero, com decência. Artistas de renome, aplaudidos mundialmente, ilustram os seus programas. Na assistência, as mais lindas mulheres de Lisboa, sempre sorridentes, sempre amorosas...

Ainda nas noites de Natal e Ano Novo últimas se revelaram duma forma surpreendente todos estes predicados. Difícil é esquecer, a quem ali passou essas noites, o que elas foram, tais os atractivos de que os empresários do *Galo de Ouro* as encheram, não se poupando a esforços e cansaças, só para darem aos seus clientes uma nota bem marcante duma noite de *cabaret*.

Toda a gente, desde o milionário até ao que trabalha, encontra ali ambiente, e é vêr a frequência de turistas que passam pelo nosso porto e que visitam o *Galo de Ouro* como ponto obrigado. Sim, porque em Lisboa, onde é que se encontra um *cabaret* que reúne todas as condições do *Galo de Ouro*?

Por tudo quanto fica dito se prova exuberantemente que o *Galo de Ouro* é, no nosso meio, o único *cabaret* digno dêsse nome, bem como

que êle vive e viverá porque tem incontestável direito a viver.

Como acima dizemos, o *Galo de Ouro* mantém cerca de cem empregados. Se outra função êle não tivesse, bastava essa para se impôr à consideração e respeito de todos, bem como à simpatia dos seus frequentadores. Mas o *Galo de Ouro* faz mais: do seu cofre saem, mensalmente, algumas dezenas de contos para pagamento de avultadas contribuições ao Estado e para Beneficência. Uma grande parte das suas receitas é destinada à Assistência Pública, que, todos nós sabemos, mantém alguns milhares de velhinhos e de criancinhas, desamparados da sorte.

Temos, pois, uma dupla função a justificar plenamente a existência do grande *cabaret* e a recomendá-lo aos seus habituais frequentadores e aos que nunca lá entraram: por um lado, vai-se lá buscar a alegria, o bem estar e o prazer; por outro lado, tem-se a certeza de que, frequentando-o, se proporciona aos que ali trabalham e a suas famílias, e aos velhinhos e criancinhas da Assistência Pública, o bem estar, a alegria e o prazer de terem um amparo que doutra forma não teriam.

Nas nossas afirmações não há exageros. Por isso, não temos dúvida nenhuma em aconselhar aos nossos milhares de leitores e a toda a gente que frequentem o *Galo de Ouro*, porque reunirão, com êsse acto da sua vida, o útil ao agradável.

Ao *Galo de Ouro*, pois, e bem hajam os seus empresários pela tenacidade e heróica coragem em se conservarem à frente duma casa que só honra, por todos os aspectos, a sua terra.

## HOMENS & FACTOS DO DIA

(Continuação da pag. 3)

*o exemplo de um nacionalismo-specimen; para que, da multiplicação universal desse nacionalismo se faça um entendimento proficuo com cada povo e com a Humanidade inteira; o romano pretende o imperialismo moral sobre todos os povos e em nome de nenhumpovo.*

*A revolução chinesa é, indiscutivelmente, uma revolução nacionalista. De nacionalistas contra... nacionalistas. Uns, da tonalidade conservadora, outros, avermelhados pelo clarão russo. Os primeiros, como todos os nacionalistas, obedecendo aos dogmas estrangeiros; os segundos internacionalizados pela essência dos próprios ideais. E como existe uma terceira zona política universal, combatida por estas duas e que é a que está dominando, que é a que governa a maioria das potências—a Inglaterra, a América do Norte, a Alemanha, a Polónia, etc., estamos assistindo a mais um paradoxo: o nacionalista da direita, de costas voltadas para o da esquerda, gesticulando ambos no mesmo ritmo. Se o acaso os fizesse voltar um para o outro, a harmonia de atitudes provocaria uma aliança de combate. Exemplos: a China, nacionalista da direita, acertou o passo com a Rússia, nacionalista internacionalista, contra o Japão, nacionalista da direita também; e, por sua vez, a Itália fascista rompe a parede internacional que muraltha a Rússia, entende-se com ela contra a França e contra a Inglaterra...*

*Verdades únicas e eternas! Mas de quem é essa verdade? A dos nacionalistas ou a dos internacionalistas? Como nos certificar—se todos empregam iguais argumentos?*

R. X.

## Uma reportagem sensacional

(Continuação da pag. 6)

projectos, não por deficiências técnicas, mas por o sócio capitalista, o tenente Souza Azevedo, ter sido compelido a seguir para Faro, donde lhe mandou pedir liquidação imediata de todos os maquinismos, visto precisar de dinheiro.

Depois disto, o sr. Santos procurou ainda arranjar capitalista, tendo chegado a anunciar nesses sen-

tido, mas eram tais e tão disparatadas as exigências feitas, que resolveu pôr de parte o seu invento, até conseguir arranjar capital seu. O sr. Santos chegou também, depois de tudo isto, a falar com o sr. Ricardo Covões, actual empresário do Coliseu dos Recreios, o qual se prontificou a fazer a apresentação do *Aerovítrografo*, logo que elle estivesse pronto a funcionar.

Resta agora dizer como funciona o *Aerovítrografo*. E' ainda o sr. Carlos Santos quem, amavelmente, nos elucida. Diz-nos elle que o seu invento tanto pode funcionar com a fita vulgar de qualquer cinema como com uma outra fita, duma forma especial. Também serve qualquer máquina de projecção, na qual o sr. Santos introduz modificações da sua invenção.

Como já salientámos, a projecção fazia-se sem ecran, mas tornava-se indispensável um palco forrado de negro, onde as figuras girariam como peçoas. Nêste palco e a dentro dos bastidores é que funcionaria um dos pontos mais importantes do invento do sr. Santos, posto em combinação com a máquina de projectar.

—São estas as linhas gerais do meu invento e as perpécias principais que me succederam por causa d'ele — concluiu o sr. Carlos Santos; e, já a despedirmo-nos, acrescentou num tom de tristeza e de sinceridade:

—Só me custa é que, depois de tanto trabalho e conseiras, por falta de dinheiro, eu me veja privado de poder dar a Portugal a honra de apresentar ao mundo uma invenção desta natureza, que, modéstia aparte, era bem digna de figurar ao lado de tantas outras consideradas grandes entre as maiores.

Além disso, acrescentou ainda, faz pena lutar-se uma vida por conseguir um bem-estar condigno com o esforço produzido, e, dum momento para o outro, vermos fugir assim, e demais para mãos estrangeiras, os louros dessa vitória!...

Já na rua, viemos pensando quanto ingrato é o nosso meio para quem trabalha, mórmente para os que, acima do interesse material, põem ainda o desejo de levantar mais alto o nome d'este Portugal tão grande e tão pequeno... E, ao mesmo tempo, surgiu-nos à mente esta dúvida: «Não se diz na noticia que originou este artigo, o nome do inventor de Hollywood. Será elle o sr. Cortinas, espanhol?... Que nos perdê se o caluniamos...

ALVARO ANSELMO

## O Conde de Sucena

(Continuação da pag. 10)

exibida ao Conde o pagamento duma divida, resolveu publicar um folheto no qual se esclarecia todo este negocio. Foi em virtude disto, que o Conde de Sucena, logo secundado pelo Montepio mandaram prender o sr. Leal, accusando-o de tentativa de *chantage* contra elles.

Resta agora informar que o julgamento ainda se não sabe quando se fará. Convirá a qualquer das partes esta demora?

Depois da declaração do sr. Leal feita na imprensa e não contestada, tudo leva a crer que sim...

ARGUS

## Augusto Guedes

DESPACHANTE OFICIAL

ALFANDEGA DE LISBOA

Na C. N. N. 2.3021 — 2.3024  
" Alfândega 2.6571  
Particular N. 2673

## CONCURSOS «KOLOSSO»

### O grande concurso de 1932

### e o êxito surpreendente do concurso de 1931

*Pouco falta para que os nossos milhares de leitores saibam em que consiste o surpreendente Concurso de 1932, que virá substituir as Batalhas Navais que terminaram em absoluto êxito como se poderá verificar pelos números que abaixo publicamos.*

*Nas primeiras nove BATALHAS NAVAIS concorreram 133.500 leitores, distribuímos prémios na importância total de 44 contos por 776 premiados, o que nos dá um êxito nunca igualado em jornais portugueses, e que, estamos certos, difficilmente será ultrapassado.*

*E em 133.500 concorrentes em nove semanas, não houve uma única reclamação, apesar das intensas campanhas contra nós feitas por despeitados, e isso constitue o nosso melhor orgulho, pois que é a prova incontestável da nossa honestidade e honra, e a certeza da confiança que em nós depositaram 133.500 pessoas.*

*Porque assim é, resolvemos continuar os CONCURSOS Kolossos fazendo o Grande Concurso de 1932, pelo mesmo sistema do anterior, com prémios só em dinheiro, rápido, instrutivo, com liquidações semanais, como succeda com as Batalhas do «Reporter X».*

*Em que consiste o novo concurso? Várias sugestões temos recebido dos leitores, algumas muito atendíveis que estamos estudando, e só por isso não publicamos já hoje as condições do novo concurso.*

*Uma coisa, no entanto, podemos já afirmar: o novo concurso despertará ainda mais interesse que o anterior e, mais ainda do que aquele, empolgará a população.*

*Não se impacientem, pois. O novo concurso do «Reporter X» baterá todos os êxitos; baterá, estamos certos, o êxito que por nós foi obtido.*

## Ex. mas Senhoras

No vosso próprio interesse, visitai a CASA QUINTÃO, da Rua Ivens, 30 a 34, loja e 1.º andar, onde encontrareis os mais lindos motivos para decorar a vossa casa, tais como os afamados TAPETES DE BEIRIZ, faianças artísticas, lindas peças de mobiliário, género antigo, etc..

## Quereis dinheiro?

Jogai no

*Gama*

R. do Amparo, 51 — LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

Sempre sorries grandes!

# DEPURATOL

SOBERANO  
REMÉDIO DA  
**SIFILIS**



TUBO  
**10\$00**

Aprovado  
no estrangeiro  
por Juntas de Saude  
Registado em numerosos paizes

**Sem dieta  
nem resguardo**